

STEGER, Hugo; ENGEL, Ulrich & MOSER, Hugo (Ed.). *Heutiges Deutsch – Reihe II – Texte – Texte deutscher gesprochener Standardsprache 1*. München, Max Hueber 1971.

_____. *Heutiges Deutsch – Reihe II – Texte – Texte deutscher gesprochener Standardsprache 2*. München, Max Hueber 1974.

STICKEL, Gerhard. *Untersuchungen zur Negation im heutigen Deutsch*. Braunschweig, Vieweg Verlag 1970.

UNESCO (Ed.). *Language, Identity and Communication*. Paris 1986.

WEINRICH, Harald. "Negationen in der Sprache". In: WEINRICH, Harald – *Sprache in Texten*, Stuttgart, Klett 1976.

Os verbos *ser* e *estar* do português em oposição ao verbo *sein* do alemão

Maria Aparecida Cardoso*

Maria Helena Voorsluys Battaglia**

Abstract: People who learn Portuguese usually have difficulties in using two of the most frequent verbs of the Portuguese verbal system: *ser* and *estar*. Native speakers of German for example fail to easily identify the differences between these verbs, which are compared with the German verb *sein*.

Our purpose is to describe these verbs, their meaning and function, and also to attempt to find criteria to help learners to identify the differences to use these verbs. Some of the differences can be explained by the speakers experiences and the context.

Keywords: *ser* and *estar/sein*: syntactic function and meaning; contrastive grammar

Zusammenfassung: Lerner des Portugiesischen als Fremdsprache haben oft Schwierigkeiten, die zwei häufig gebrauchten Verben des portugiesischen Verbalsystems *ser* und *estar* zu verwenden. Deutschsprachige erkennen kaum die Unterschiede zwischen diesen Verben, die im Deutschen oft mit dem Verb *sein* gleichgesetzt werden, das auch in ähnlichen Strukturen und Situationen vorkommt.

In dieser Arbeit beschäftigen wir uns damit, diese Verben in ihrer Funktion und Bedeutung zu beschreiben und versuchen, Kriterien aufzustellen, die dem Lernenden helfen können, diese Unterschiede besser zu verstehen und dadurch die Verben besser anzuwenden. Einige Unterschiede können durch die Erfahrungen des Sprechers und durch den Kontext erklärt werden.

* Maria Aparecida Cardoso é mestranda junto à Área de Alemão.

** Maria Helena V. Battaglia é professora doutora da Área de Alemão: Língua, Literatura e Tradução do DLM/FFLCH/USP.

Stichwörter: *ser* und *estar/sein*: syntaktische Funktion und Bedeutung; kontrastive Grammatik.

Palavras-chave: *ser* e *estar/sein*: função sintática e semântica; gramática contrastiva.

0. Introdução

Sabe-se que os verbos, sua conjugação e seu uso, constituem um dos pontos mais complexos da gramática para os estrangeiros que se dispõem a aprender português. Os verbos *ser* e *estar* encabeçam uma lista de dificuldades enfrentadas até mesmo por quem já tem contato com a língua portuguesa há muito tempo, fazendo com que se cometam enganos sem motivo aparente, seja qual for a função do verbo na frase. Enquanto isso, um nativo de língua portuguesa transita entre os dois verbos (*ser* e *estar*) com extrema desenvoltura. Isso poderia nos fazer pensar que existem questões culturais envolvidas no uso desses verbos em português. Tais fatos nos levaram a selecionar esses verbos como objeto de um levantamento de ocorrências e sua análise a fim de identificar as diferenças e semelhanças no seu uso.

Um dos problemas enfrentados durante a realização da pesquisa foi a falta de estudos específicos sobre os usos de *ser* e de *estar* em português. As gramáticas consultadas se restringem ao aspecto formal desses verbos, apresentando, geralmente, apenas a conjugação e a sua classificação como verbos de ligação e verbos auxiliares. Para contornar essa dificuldade, recorreremos a vários trabalhos realizados acerca desses verbos em língua espanhola, dada a semelhança que existe entre *ser* e *estar* em português e espanhol.

O *corpus* usado para esse trabalho de análise constitui-se de textos escritos publicados em jornais e revistas de grande circulação, além de alguns textos produzidos tanto por alemães e austríacos durante cursos de língua portuguesa quanto por brasileiros durante curso de língua alemã.

1. Considerações sobre os usos de *ser* e *estar*

1.1. Relato de uma experiência sobre os usos de *ser* e *estar*

Uma experiência realizada em sala de aula, junto a um grupo de cerca de trinta e cinco alunos de graduação em língua alemã da Universidade de São Paulo, demonstrou que para os brasileiros não existe dúvida quanto ao uso mais adequado de

ser e de *estar*. Essa experiência foi feita da seguinte maneira: separamos um trecho de um texto publicado por uma revista de circulação nacional, no qual havia um número considerável de ocorrências de *ser* e de *estar*. Ocultamos do texto todas essas ocorrências e solicitamos aos participantes da experiência que preenchessem os espaços em branco com um dos dois verbos, conjugando-os de maneira adequada. Vale mencionar que entre os participantes havia um nativo de língua alemã que há muitos anos vive no Brasil. Os alunos, brasileiros, não tiveram dificuldade em determinar o verbo que melhor se encaixava em cada caso. Houve poucas dúvidas. O mesmo não ocorreu com o participante alemão; a maioria das suas repostas não dava sentido à frase, enquanto outras foram deixadas em branco. Devemos esclarecer que a finalidade desse exercício foi apenas demonstrar, com pelo menos um caso prático, fatos que já conhecíamos, ou seja, de que há diferenças entre *ser* e *estar*, e de que os estrangeiros têm dificuldade de apreender essas diferenças e de escolher entre um e outro ao falar português; enquanto que essa opção parece evidente para um brasileiro.

1.2 *Ser* e *estar*: um breve histórico

A escolha do verbo, conforme veremos, não se define apenas pela pragmática, mas também envolve questões associadas ao léxico, à semântica e à sintaxe de construções predicativas e atributivas.

Esta pesquisa tem por objetivo relacionar e descrever os usos mais frequentes de *ser* e de *estar* que suscitam dúvidas para o falante de português como língua estrangeira, além de compará-los com o sistema correspondente em outra língua, no caso o alemão, para tentar minimizar as dificuldades dos estrangeiros que aprendem o português.¹ A maioria dos empregos inadequados desses verbos ocorre porque o estrangeiro não sabe, ou não tem certeza, qual dos dois deve usar e em que momento, isto é, a oposição entre ambos não lhe é clara. Em alemão, apenas o *sein* é responsável pelas funções que, em português, são cumpridas, na maioria dos casos, por dois verbos: *ser* e *estar*, com sutis distinções entre um e outro. A oração (1) pode ser traduzida tanto como em (2a) quanto como em (2b). A compreensão da diferença entre um e outro representa um esforço extra para o nativo de língua alemã.

(1) *Das Auto ist neu.*

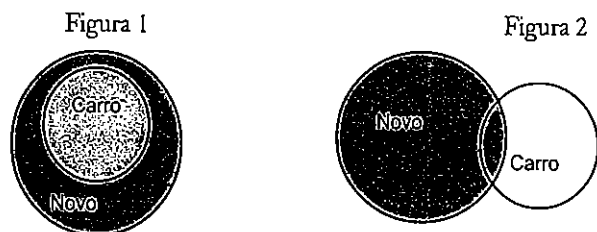
(2a) O carro é novo.

(2b) O carro está novo.

¹ Doravante, consideraremos a língua alemã, especialmente o verbo *sein*, como o objeto da nossa comparação com *ser* e *estar*.

Em (2a), o carro pode ser novo (zero km) por haver sido comprado há pouco tempo, ou por ter pouco tempo de uso ou pouco desgaste. Diferente de (2b), que pode indicar que recentemente foi refeita a lataria do carro, ou que o motor foi reconicionado. A distinção entre (2a) e (2b) parece óbvia para um falante brasileiro, já que ele é capaz de distinguir claramente entre uma situação e outra. Um nativo de língua alemã não tem noção dessa diferença mesmo quando consideramos o contexto em que ambas são empregadas. É necessário dar-lhe uma explicação que, não raras vezes, é insatisfatória. Portanto, notamos que não estamos lidando com apenas um problema, mas com dois problemas. Um é a questão da oposição *ser* e *estar* em português, o outro é a oposição destes dois verbos com o seu equivalente em alemão, o *sein*.²

Quando dizemos que o carro é novo, podemos entender que existe um grupo ou categoria no qual o sujeito está totalmente inserido. Já, com o verbo *estar*, o adjetivo é atribuído de modo parcial ao sujeito, como demonstramos nas figuras 1 e 2.



Se considerarmos as figuras acima como uma representação dos usos de *ser* e de *estar* como verbos atributivos para frases do tipo (2a) e (2b), vemos que a figura 1 ilustra a atribuição de um valor ou qualidade com o verbo *ser*; e a figura 2 com o *estar*. Não é fácil delimitar quanto do adjetivo corresponde ao sujeito na figura 2. As frases (3a a 3d) reforçam essa diferença.

- (3a) João é presidente / João é o presidente.
 (3b) ? João está presidente / * João está o presidente.
 (3c) João é surdo.
 (3d) João, você está surdo?

Presidente é uma condição que só pode ser assumida na sua totalidade (como na figura 1) e não em parte (Fig. 2), por isso usamos *ser* e não *estar*. O uso de (3b) e

² O uso desses três verbos seguidos de adjetivo é visto mais adiante, quando tratamos dos usos atributivos de *ser* e *estar*.

de (3d) é aceitável em caso de uso da função conotativa da linguagem, com intenção de fazer ironia, por exemplo, dada a temporalidade do próprio cargo de presidente. Com o adjetivo *surdo*, as duas frases estão perfeitas. A diferença entre ambas é que com o verbo *ser*, entende-se que surdez refere-se a uma condição física permanente, já com *estar* não se confirma a mesma relação com o adjetivo, o sujeito não pertence ao grupo de indivíduos surdos, mas é parcialmente, e temporariamente, inserido nele pelo falante em função de um contexto de fala.

Outra dificuldade com relação a *ser* e *estar* diz respeito à ocorrência de perífrases, em que tais verbos aparecem como auxiliares de tempo, modo e aspecto. Um alemão poderia perfeitamente proferir uma frase como em (4), usando o verbo *ser* diretamente na forma do pretérito perfeito do indicativo, o que não serve para expressar o aspecto desejado pelo falante, como em (5).

- (4) * Espero que o seu fim-de-semana foi bom.
 (5) Espero que o seu fim-de-semana tenha sido bom.

A frase (4) é considerada agramatical porque a expressão “espero que” requer o uso de uma perífrase. Provavelmente, no exemplo (4), o falante ateu-se ao adjetivo “bom” e desconsiderou a expressão “espero que...”. Quando acompanhada de verbos modais, como o verbo *esperar*; as orações subordinadas substantivas objetivas diretas exigem que o verbo seja conjugado no modo subjuntivo, que muitas vezes pode ser seguido pelo particípio do verbo *ser* nos casos de relação atributiva, como no exemplo (5), ou na formação da voz passiva, como no exemplo (6), ou ainda pelo particípio de verbos transitivos, como no exemplo (7).

- (6) Espero que o muro tenha sido pintado.
 (7) Espero que o seu irmão tenha pintado o muro.

ROCHA LIMA (1972: 118) nos diz que:

“a fim de melhor se expressarem certos aspectos especiais não traduzíveis pelas formas simples..., possuem os verbos alguns tempos compostos, nos quais uma das formas nominais (infinitivo, particípio, ou gerúndio) é acompanhada de outro verbo, chamado AUXILIAR”.

Ele ainda afirma que os verbos *ter*, *haver* e *ser*, este na voz passiva, são auxiliares fundamentais para a formação destes tempos compostos. No entanto, as perífrases verbais com os verbos *ser* e *estar* não são objeto de estudo do presente trabalho.

A busca por uma explicação que justifique as dificuldades enfrentadas pelos nativos de língua alemã quanto ao uso de *ser* e de *estar* demanda algumas considerações particulares. Uma delas é quanto à origem destes verbos em português.

A forma atual do verbo *ser* deriva da fusão dos verbos latinos *sedere* (estar sentado, ficar, permanecer, ficar imóvel, residir) e *esse* (ser, existir, ser de, pertencer a). A evolução fonética de *esse* levou ao apagamento de algumas das suas formas que foram substituídas por formas do verbo *sedere*. No início do desenvolvimento das línguas românicas, *esse* conservava quase todos os valores latinos; além de indicar existência, ele era o verbo copulativo e atributivo por excelência. Já o verbo *stare* (estar de pé) era intransitivo e manteve parte dos valores que possuía. Sua função como auxiliar apareceu no latim medieval. As diferenças essenciais entre *esse* e *stare* foram preservadas no português com *sere estar*. Ambos os verbos *esse* e *stare* tinham valores aproximados aos dos verbos *sein* e *stehen* do alemão, respectivamente. (cf. RUIZ 1963: 117; MACHADO 1956: 904ss. e 1974ss.).

Um levantamento, embora preliminar, dos usos de *ser* e *estar* nos forneceu dados indispensáveis para a presente análise. Verificamos, em primeiro lugar, que existe predomínio do verbo *ser* em textos escritos. Em um texto com cerca de duas laudas encontramos 38 ocorrências do verbo *ser* e apenas 3 do verbo *estar*; esse padrão se repete na grande maioria dos textos analisados. A princípio, somos levados a pensar que isso se deve à função copulativa e auxiliar de ambos os verbos, e a dar-lhes pouca importância. Entretanto, uma verificação mais pontual e específica de determinadas frases nominais demonstra que existem diferenças de ordem semântica e funcional entre os usos dos diversos verbos ditos de ligação que devem ser levadas em consideração. Entendemos que tanto a frequência quanto as diferenças de usos de *ser* e de *estar* são indícios de que tais verbos merecem estudos mais específicos.³

As gramáticas tradicionais apresentam *ser* e *estar*, segundo a sua predicação, como verbos com função meramente copulativa, pois aparecem em orações cuja estrutura básica se compõe de dois termos: 1. o sujeito, a respeito do qual se declara algo; e 2. o predicativo, declaração feita a respeito do sujeito, e esta concorda em gênero e número com o sujeito. Os verbos classificados pela gramática tradicional como de ligação são destituídos do seu valor “verbal”. O *ser*, por exemplo, fica totalmente esvaziado de qualquer valor semântico, e serve apenas para unir o predicativo e o sujeito. Não existe nenhuma idéia de atividade que se possa atribuir ao sujeito através do verbo. Nesse caso, o *ser* não é outra coisa senão um mero instrumento gramatical. É dessa forma que os verbos que pertencem ao grupo de verbos denomi-

³ A lista dos verbos de ligação ou copulativos é razoavelmente grande, porém aqui nos interessa analisar apenas dois deles: *ser* e *estar*.

nados “de ligação” são relegados a uma categoria inferior e praticamente esquecidos. Entretanto, alguns fatos parecem negar essa idéia geral de esvaziamento de significado descrito pelas gramáticas. Entendemos que as estruturas em que esses verbos ocorrem não são do mesmo tipo. Não podemos nivelar dois verbos tão distintos como *ser* e *estar* sem, pelo menos, esclarecer as suas diferenças. Em (8), por exemplo, encontramos estruturas desiguais, exceto do ponto de vista formal. Quando igualamos todas as ocorrências de *ser* e *estar*, ignorando as diferenças semânticas e funcionais, dificultamos ainda mais a sua compreensão.

Dentre as construções em que *sere estar* aparecem, encontram-se as seguintes.

I. Sujeito + { *ser* / *estar* } + sintagma nominal.

- (8a) O livro é antigo.
- (8b) A cidade está vazia.
- (8c) Aqui foi Roma.
- (8d) Amanhã é dia de festa.
- (8e) Aquela mulher é de Bauru.
- (8f) Mentir é de covardes.
- (8g) A camisa é tua.
- (8h) A África é um continente pouco urbanizado.
- (8i) O mar não está para peixe.
- (8j) Os mais pobres estão à margem do processo de globalização.

A posição do sintagma nominal pode ser ocupada por adjetivo, pseudo-adjetivo (adjetivos não predicativos), substantivos, e participios presente e passado.

II. Estruturas completivas (integrantes ou infinitivas).

- (9a) É necessário entendermos a situação.
- (9b) É preciso muita cautela.
- (9c) É possível que o casamento não aconteça.
- (9d) A dúvida é que ele vença as eleições nos EUA.
- (9e) Os gerentes estão conscientes de que a empresa vai fechar.

LUFT (1987: 56) denomina estas estruturas como predicativas. Já SACONI (1979: 200) afirma que, em casos como (9a) e (9b), “a situação” e “muita cautela” não são

sujeitos das orações, mas são objetos diretos dos verbos *entender* e *ter*, este está subentendido na frase.

III. Como auxiliares na formação da voz passiva e de perífrases verbais:

(10a) O continente sempre foi explorado de modo predatório.

(10b) Está chegando o fim do ano.

(10c) A capela pode ser vista de longe.

IV. Estruturas cristalizadas:

Há ainda algumas estruturas consideradas cristalizadas do tipo: “é que” e “isto é”, nas quais o verbo *ser*, de acordo com as gramáticas consultadas, também não possui valor semântico. Aqui trazemos apenas a sua ocorrência.

As gramáticas do português do Brasil fazem referência à distinção de valor aspectual entre os verbos *ser* e *estar*, e os separam em dois grandes grupos de “significação”, dando ao verbo *ser* idéia de permanência e a *estar* idéia de transitoriedade. Com isso, fazem-nos crer que o falante deverá utilizar exclusivamente um dos dois verbos, conforme a idéia que deseja expressar seja transitória ou permanente, e que, por conseguinte, um verbo exclui o outro. Porém, os conceitos de transitoriedade e permanência implícitos nos verbos não são desenvolvidos com profundidade, e, portanto, não elucidam a maioria das ocorrências desses verbos, ou são insuficientes para que um nativo de outra língua entenda a diferença entre ambos. Mesmo porque, é possível atribuir, com certa frequência, qualidades transitórias com o verbo *ser* e permanentes com o verbo *estar*. Além disso, existem outros verbos que também possuem esse mesmo matiz.

RUIZ (1963: 73) complementa essa idéia, afirmando que:

“Permanencia es una duración indefinida, que puede ser larga o corta, que puede ser definitiva o transitoria”,

e acrescenta, atribuindo a *estar* e não a *ser* a noção de permanência:

“El verdadero lugar del verbo estar se encuentra aquí, entre los verbos atributivos de permanencia. [...] El verbo estar [...] es un verbo durativo y como tal, capaz de indicar la permanencia en una cualidad o estado”.

Os possíveis significados dados aos termos transitoriedade e permanência às vezes dificultam o entendimento da oposição entre os usos de *ser* e *estar*. O dicionário AURÉLIO, por exemplo, identifica o significado de permanência com estada e

com constância, o que pode ser relacionado muito mais com o verbo *estar* do que com o *ser*.

Os dicionários de verbos dão uma contribuição extremamente importante para a compreensão dos dois verbos, pois neles podemos encontrar um leque mais amplo de usos e significados tanto para *ser* quanto para *estar*, embora a classificação seja apenas de natureza semântica, sem referências à classe gramatical (cf. BORBA 1991).

2. Oposição entre os verbos *ser* e *estar* e destes com o *sein*. Alguns critérios semânticos do seu emprego

O problema dos usos de *ser* e *estar* e da comparação destes com o *sein* é muito mais um problema de conteúdo do que de forma. A forma de *ser* e de *estar* não é diferente da forma de outros verbos do sistema verbal do português. Nosso problema, portanto, reside muito mais nas diferenças de caráter semântico e funcional. Entre as diferenças semânticas está a do aspecto dos verbos *ser* e *estar*.

Inicialmente, separamos os usos de *ser* e de *estar* em três grupos ou funções: auxiliar, predicativo e atributivo para, então, analisarmos os usos desses verbos em cada uma dessas funções. A decisão de separar a função predicativa da função atributiva se explicará adiante quando tratarmos das terminologias.

Do ponto de vista formal, as construções a seguir estão corretas:

(11a) João é viúvo.

(11b) João está viúvo.

(11c) Pedro é doente.

(11d) Pedro está doente.

(11e) Maria está morta.

(11e) * Maria é morta.

(11f) O menino é inteligente.

(11g) ? * O menino está inteligente.

Entende-se que viuvez e doença são condições transitórias e que morte é definitiva, entretanto, usamos os verbos *ser* em (11a) e (11c), e *estar* em (11d), sem que as condições de transitoriedade definidas nas gramáticas normativas sejam confirmadas. Inteligente é um adjetivo que admite o verbo *ser* para atribuir ao sujeito *menino* uma qualidade que pode, ou não, ser definitiva ou essencial (11g), isto é, fazer parte das características que definem aquela pessoa. O mesmo adjetivo pode parecer um

estranho no ninho e ser recusado pelo falante quando acompanhado do verbo *estar* (11h). A explicação dada pelas gramáticas normativas para tais fenômenos, baseada no binômio transitoriedade / permanência, também não sustenta a condição de “permanência” ou de “transitoriedade” que encontramos definida, não no verbo, mas no próprio adjetivo, já que estas condições muitas vezes podem ser atribuídas mediante qualquer um dos dois verbos. Na verdade, a escolha do verbo se dá, na maioria dos casos, em função do adjetivo que se atribui ao sujeito.

Em alemão, não há correspondente para o verbo *estar* nesses casos (11a-h). Não se fala em *duração* quando se atribui uma qualidade ao sujeito; apenas o *sein* aparece com os mesmos adjetivos de:

(12a) *João ist verwitwet.*

(12b) *Pedro ist krank.*

(12c) *Maria ist tot.*

(12d) *Der Junge ist intelligent.*

Pode parecer a um nativo de alemão que os dois verbos, *ser* e *estar*, têm o mesmo significado, que são idênticos, e isso o leva a confundir-los. Ambos os verbos introduzem um atributo do sujeito presente no adjetivo, dando-lhe uma qualidade que, conforme os exemplos dados, é acidental ou transitória. No caso do verbo *estar* essa qualidade é considerada nova, i.e., é resultado de uma mudança ocorrida, de uma ação involuntária sofrida pelo sujeito. É uma idéia que tem existência no espaço e no tempo, e que é expressa no verbo. Quando alguém diz que *Pedro está doente*, entende que houve uma mudança cujo resultado é atribuído ao sujeito como uma qualidade adquirida ou acidental. O verbo *ser* em *Pedro é doente* implica em dar ao sujeito uma qualidade que o falante considera, pelo menos no momento específico da fala, como permanente ou de duração mais prolongada. Como já vimos, os verbos latinos *esse* e *sedere* eram empregados em construções que expressavam qualidades essenciais e permanentes, já o verbo *stare* era aplicado a qualidades acidentais ou transitórias.

Podemos considerar também que a ausência do mencionado processo de mudança, e não o seu resultado, é indicada por *estar* seguido de um adjetivo como *verde*, em (13a). “Verde”, nesse caso, não é um adjetivo que representa uma cor, mas um estado que se espera que mude, ou evolua, para (13b). “Verde” está em oposição a “madura”. Essa oposição é mais visível em (13c) e em (13d).

(13a) A fruta está verde.

(13b) A fruta está madura.

(13c) A banana (ainda) está verde, não a coma.

(13d) A manga (já) está madura, você (já) pode comê-la.

(13e) A banana é verde.

(13f) A manga é madura.

(13g) O espinafre é verde.

(13h) ? O espinafre está verde.

(13i) O espinafre (já) está amarelo.

(13j) ? O espinafre (já) é amarelo.

Tanto a construção em (13e) quanto em (13f) está formalmente correta, mas o verbo *ser* não cabe, caso o falante deseje expressar a condição do sujeito em determinado momento. O adjetivo *verde* em (13g) é indicativo de cor, já que essa verdura em especial é conhecida e consumida enquanto apresentar coloração verde. Portanto, dizer: *o espinafre está verde* (13h), embora formalmente correto, não faz sentido quando nos referimos à verdura e não a um maço de espinafre em especial. Em (13i), a cor é novamente um indício de mudança de estado, indicando que ele já está impróprio para consumo; portanto, o verbo apropriado é *estar* e não *ser*, como em (13j). É o mesmo tipo de oposição visto entre (13c) e (13d).

Fenômeno semelhante ocorre em construções com *estar* seguido de participio para indicar uma ação acabada. Está implícita a prática de uma ação. Tanto em (14) quanto em (15), os adjetivos são derivados de uma ação praticada em um determinado momento e que recai sobre o sujeito, dando-lhe uma propriedade que não lhe é essencial. Algumas gramáticas preferem classificar esses verbos como adjetivos que qualificam o sujeito de modo circunstancial, outras entendem que se trata de uma passiva de estado, ou como forma de expressão aspectual de resultado. (cf. RUIZ 1963: 115ss.; BECHARA 1999: 216).

(14) A casa está limpa. (verbo limpar)

(15) O jantar está servido. (verbo servir)

Por outro lado, um homem que acaba de conhecer uma linda mulher vai lhe fazer qual das duas perguntas?

(16a) Você é casada?

(16b) Você está casada?

Um alemão, talvez opte pela segunda alternativa e perca uma boa chance de fazer uma nova amizade. É possível que, ao proferir (16b), ele provoque certo cons-

trangimento, pois fará parecer que o casamento para essa mulher pode ser algo passageiro e essa não seja exatamente a idéia. Não queremos afirmar que a pergunta (16b) seja ofensiva ou que não deva ser usada. O que dizemos é que existem circunstâncias em que ela pode não ser a mais conveniente e que um estrangeiro não a identifica facilmente. Um brasileiro usaria essa pergunta em outro contexto, e sem causar aborrecimentos. O verbo *estar* atribui ao sujeito características externas ou ocasionais. Em alemão, a mesma frase só é construída com o *sein*:

(17) *Sind Sie verheiratet?*

As frases abaixo foram coletadas junto a um nativo de língua alemã com apenas quatro meses de aprendizado de português durante período de estágio cumprido em uma escola de alemão no Brasil.

- (18a) Fui em casa ontem o dia todo, mas você não me liguei.
- (18b) O chefe é na sala agora?
- (18c) Você é aqui amanhã?
- (18d) Ele é muito pensativo hoje.
- (18e) É tudo bem com você?
- (18f) O homem parece ser muito contente com a carteira nova.
- (18g) Os portugueses não eram sempre felizes de viajar para a “terra nova”.

As frases acima são claro exemplo da dificuldade do uso de *estar*. O falante reconheceu apenas o verbo *ser*; que é o verbo que mais se aproxima ao *sein* do alemão. Em todas as construções, o falante utilizou o verbo *ser* quando, na verdade, deveria ter empregado o verbo *estar*.

Um outro exemplo de interferência é o caso do estudante brasileiro que ao aprender alemão incorre em erros semelhantes, isto é, ele usa o *sein* em situações onde se empregam o *werden*, que é verbo predicativo e auxiliar na formação de vários tempos verbais analíticos.

- (19a) * *Ich möchte Lehrer sein.* (*werden*)
- (19b) *Das Buch ist geschrieben.* (*Zustandspassiv*)

A tendência do brasileiro que aprende alemão é traduzir todos os usos do verbo *ser*, pelo verbo *sein*. No exemplo (19a), o aluno tem a frase em português “Eu

gostaria de ser professor”, onde se emprega o verbo *ser* com o sentido de *tornar-se*, que na verdade, em alemão, se traduz por *werden*. Já no exemplo (19b), o aluno, ao formar a voz passiva no alemão, é levado a usar o verbo *sein* como auxiliar, uma vez que para ele o *sein* corresponde ao verbo *ser*, que é auxiliar na formação da voz passiva em português. Com o verbo *sein*, o aluno está formando a voz passiva de estado, que, por sua vez, em português, é formado com o uso do verbo *estar*. Esse aspecto do emprego dos verbos *ser* e *estar* deverão ser objeto de um estudo mais aprofundado de estruturas com tais verbos em português e as respectivas correspondências em alemão.

Ao voltar à proposta deste trabalho, reformulamos a questão quanto ao emprego dos verbos *ser* e *estar* em português e do verbo *sein* em alemão. O que, então, determina a opção por *ser* ou por *estar*? A gramática? A cultura? E qual é a correspondência em alemão?

Tanto RUIZ (1963: 141ss.) quanto PERES (1995: 15ss.)⁴ apresentam uma explicação semelhante para a questão. Ambos propõem que o problema lingüístico envolvido apresenta dois ângulos, ou princípios fundamentais. Um que diz respeito à estrutura ou sistema de fatos da língua, e outro que se refere à estilística, ou seja, às possibilidades que o falante tem dentro desse sistema, às suas escolhas. Isso ocorre porque a linguagem tem dupla natureza: 1. o sistema lingüístico, e 2. o indivíduo. Enquanto um é objetivo, o outro é subjetivo. No caso de *ser* e *estar*, tanto o princípio estrutural quanto o estilístico estão envolvidos no processo da escolha do falante.

O sistema permite atribuir qualidades com presença ou não de verbos. Em português, é também muito freqüente o uso de adjetivos na posição de epítetos, ou adnominal, sem uso do verbo copulativo, como em (20a). Porém, não há muitas dúvidas quanto ao fato de que uma compreensão melhor da expressão só se dá quando o verbo está presente, isto é, quando a frase está completa, com sujeito e predicado, (20b).

- (20a) O homem honrado cumpre seu dever.
- (20b) O homem que é honrado cumpre o seu dever.

⁴ Sobre esse assunto, PERES comenta: “Considerada a matéria de que é feita a linguagem, é evidente que, ao realizar um ato de fala, um falante não faz escolhas apenas relativamente a um elenco de possíveis formas de comportamento – que poderíamos classificar como escolhas pragmáticas, por terem a ver com o plano de ação –, mas fá-las também relativamente às palavras da língua que usa e às construções que a mesma lhe permite ... um falante não opta por um tipo de comportamento verbal ou por uma construção frásica no vazio, antes associa certamente sempre essas escolhas a um conteúdo informacional que não é necessariamente verbal.”

Sem o verbo, estabelecemos uma identidade direta; com presença do verbo *ser*, reforçamos a relação ou acrescentamos características verbais de modo e tempo, por exemplo. Quando a mera relação atributiva é insuficiente para a expressão da idéia, recorre-se a outros verbos, como é o caso de *estar*. Ainda segundo RUIZ, está aí a diferença estrutural entre *ser* e *estar*, pois, enquanto *ser* estabelece uma relação atributiva ou de identidade, acrescentando idéia verbal a essa relação, o verbo *estar* não supõe relação de identidade, mas sim de permanência, entendida como duração indefinida, ou

“la posesión de lo atribuido por parte del sujeto durante un período indefinido de tiempo.”

Por outro lado, a estilística também influi na escolha do falante, pois, segundo ele afirma:

“... *ser* atribuye lo que el individuo concibe como no susceptible de cambio. *Estar* atribuye lo que el individuo concibe como susceptible de cambio, e que “todo lo estilístico, por su misma naturaleza, es subjetivo; es decir, no responde a la realidad en sí, sino la concepción que de la realidad se ha hecho el individuo o se hace en cada momento”.

Portanto, *ser* é o verbo usado quando o falante deseja estabelecer uma relação atributiva, que supõe uma identidade de sujeito e atributo, mais definitiva, não suscetível de câmbio. *Estar* é o verbo usado para que o falante estabeleça uma relação de permanência de uma qualidade que tem o sujeito por um tempo indefinido e sem identificar sujeito e qualidade. Isso se deve ao seu caráter ou aspecto imperfeito e de situação.

Uma outra definição que também consideramos importante para esta análise refere-se ao fato de que a lógica moderna não considera que a cópula seja um meio para estabelecer igualdade entre sujeito e predicado, mas sim para expressar uma relação de identidade (precária) entre entidades distintas que, em determinado momento se aproximam. Isso explica, por exemplo, a diferença entre (21a) e (21b):

(21a) A neve é branca.

(21b) A neve está branca.

Duas questões estão envolvidas em relações do tipo (21a). Uma é lógica, a outra é gramatical. O falante relaciona e aproxima dois conceitos diferentes, neve e branco, porém, essa não é uma relação de igualdade da lógica (A=B), mas sim uma aproxima-

ção desses dois conceitos. Isso possibilita que outros verbos, como *estar*, também possam ser empregados para dar um efeito distinto à frase (cf. RUIZ 1963: 141).

CASTELEIRO⁵ realiza um estudo aprofundado sobre adjetivos, analisando também os verbos que acompanham os adjetivos e identificando alguns que apresentam restrições quanto à aceitação dos verbos *ser* e *estar*. Adjetivos como alegre, contente, radiante, triste são aceitáveis em construções cuja relação é com seres animados (22a), e inaceitáveis em estruturas com sujeito inanimado (22b), enquanto que com outros adjetivos (como agradável) pode ocorrer o inverso, i.e., parece que aceitam melhor *ser* e *estar* com seres inanimados. Veja (22c), (22d) e (22e).

(22a) Os rapazes estão (alegres, contentes, radiantes, felizes, etc.) com a nova escola.

(22b) * Os campos estão (alegres, contentes, etc.) com a nova escola.

(22c) A tarde está / é agradável.

(22d) ? O Pedro está agradável.

(22e) O Pedro é agradável.

(22f) O governo é exigente.

(22g) O governo está exigente.

(22h) O tabaco é prejudicial.

(22i) * O tabaco está prejudicial.

A seleção de *ser* ou de *estar* depende, portanto, de alguns pressupostos. Se o falante considera a qualidade definida no adjetivo como inerente ao sujeito, escolherá *ser* como em (22f), porém, escolherá *estar* se entender que a qualidade expressa pelo adjetivo é “temporária” e refere-se ao tempo implícito no contexto da fala. Por outro lado, alguns adjetivos, como *prejudicial* (22h), só aceitam o verbo *ser*. Parece que a condição estabelecida nesse tipo de adjetivo não pode ser relacionada com uma duração maior ou menor da qualidade atribuída ao sujeito.

3. Algumas questões terminológicas para a classificação dos verbos *ser* e *estar* em português e do *sein* em alemão

Verificamos que há, na verdade, pouca uniformidade entre as gramáticas normativas tradicionais quanto à adoção da terminologia para a definição de predica-

⁵ CASTELEIRO, João Malaca. *Sintaxe Transformacional do Adjetivo*, Inic, Lisboa 1981.

tivo e de atributo. O conceito de predicativo abarca uma série de casos ou ocorrências em que há um termo, normalmente um adjetivo, ou uma oração subordinada adjetiva, que tem por função qualificar o sujeito ou o objeto, unindo-se ao primeiro, em regra, por meio de um verbo de ligação. As gramáticas tradicionais apresentam uma lista desses verbos, dentre os quais estão *ser* e *estar*.

Em CÂMARA JR. (1991: 75) o termo predicativo encontra-se definido como um dos tipos de complementos, que são determinados como:

“Vocábulos ou expressões que podem acompanhar o verbo de uma oração [...] 3. Complementos predicativos, que acompanham a comunicação – a) estabelecendo, como predicado, um nexa com o sujeito (PREDICATIVO DO SUJEITO) (ex.: Pedro é bom) ou – b) esclarecendo a verdadeira significação do verbo em relação ao sujeito (PREDICATIVO DO OBJETO) (ex.: considero-o justo) [...]. O predicativo do sujeito é a essência das orações ditas nominais, que se definem por constituírem um nexa entre um sujeito e o seu predicativo...”.

Já o conceito de atributo, via de regra, se confunde com o de adjunto adnominal; o mesmo CÂMARA JR. o define em seu dicionário como:

“uma palavra ou locução em subordinação a outra na frase, para lhe completar ou fixar o sentido, i.e., portanto, um elemento determinante SECUNDÁRIO, [...]. Na língua portuguesa, como em muitíssimas outras, há dois tipos gerais de adjuntos, do ponto de vista formal: 1) um adjetivo, concordando em gênero e número com o substantivo, que é o elemento primário correspondente; 2) uma locução cujo núcleo é um substantivo secundário subordinado ao primário por uma das preposições, comumente de, para exprimir a relação de genitivo. Há freqüentemente em português a possibilidade de escola entre os dois tipos de adjunto, a que corresponde em latim ao uso de um adjetivo. Ex.: 1) obra gramatical; 2) obra de gramática”.

Atributo é, portanto, entendido como termo acessório, em aposição, que tem a função de dar qualidade a outro, pondo em relevo essa qualidade, sem a participação do verbo de ligação. É o caso de expressões como: “casa grande”, “vida selvagem”, “caso interessante”, “baixos salários”, etc.

A dificuldade para aceitação pura e simples destas terminologias é que elas são insuficientes para explicar todas as ocorrências, ou pelo menos a maioria, dos usos de *ser* e *estar* em português. Além disso, conforme mencionamos, a terminologia encontrada nas gramáticas difere quanto à definição de atributo e de predicativo. Algumas gramáticas tradicionais e a gramática transformacional designam os adjetivos em posição pós-cópula como atributos por atribuírem qualidades ao sujeito. Alguns prefe-

rem denominar os adjetivos na posição pós-cópula como predicativos, ou complementos predicativos (cf. MATEUS 1983: 287 e 340; BECHARA 1999: 424). Outros se referem aos adjetivos em posição adnominal, isto é, sem participação do verbo copulativo, ou de ligação, como epíteto, como citado acima.

ROCA-PONS (1960: 291) sugere que

“... en un sentido amplio, el concepto de atributo comprende toda clase de sustantivos o adjetivos – o expresiones con este valor- que explican o especifican a un sustantivo. En este sentido incluiría también el concepto de aposición.”⁶

A falta de uniformidade e delimitação dos conceitos de predicativo, atributo e adjunto adnominal aumenta a dificuldade de distinção entre os usos de *ser* e de *estar*. Mesmo quando há identidade formal, isto é, a frase ser constituída de sujeito, verbo e complemento, verificamos que os conceitos acima descritos não se sustentam, pois a análise de exemplos do *corpus* indica variação de significados tanto para *ser* quanto para *estar*. Um estudo sobre os usos de *ser* e de *estar* e de outros verbos “de ligação” pode levar a uma melhor compreensão do emprego desses verbos e gerar o reconhecimento de um sistema atributivo para o português, a exemplo do que já foi feito para o espanhol. Esse estudo traria como consequência uma melhor definição dos conceitos e do emprego de *ser* e de *estar*.

Em função dessas dificuldades, optamos por uma terminologia que, sem se desviar da gramática tradicional, acrescenta um elemento a mais na distinção entre as funções atributiva e predicativa dos verbos *ser* e *estar* e se aproxima, como podemos ver, da terminologia alemã.

Para a definição de atributo, destacamos o conceito dado por EISENBERG (1989: 67)⁷:

⁶ Para este e para outros conceitos fundamentais, pode-se consultar ROCA-PONS, J., *Introducción a la gramática*, Teide, Barcelona 1960.

⁷ Tradução livre da autora: “Nós concebemos o conceito de atributo no âmbito da relação com um substantivo ou um pronome, os quais descrevemos como núcleo da construção atributiva (proposta em 8a). De acordo com a classe à qual pertence a palavra em posição preliminar, será atributo-genitivo (8a), atributo preposicional (8b, c), frase atributiva (8d, e), atributo adjetivo (8f), atributo relativo (8g) e, diferenciado como forma especial da chamada aposição (8h, i). Este último caso não é considerado como atributo em todas as gramáticas. Atributo é sempre submetido à NGr. 8a. Uma proposta da oposição; b. A idéia da Renate; c. A idéia de ir para München; d. A questão sobre como isso deve continuar; e. A proposta que o Paul deve fazer; f. Uma nova proposta; g. Uma proposta que é nova; h. O grupo de estudo de “Valência Verbal”; i. Meio quilo de amêndoas torradas.”

“Wir fassen den Attributbegriff so, daß im Nachbereich dieser Relation ein Substantiv oder Pronomen auftritt. Dieses Substantiv oder Pronomen bezeichnen wir als Kern der Attributkonstruktion (Vorschlag in 8a). Je nach Kategorie im Vorbereich werden dann das Genitiv-Attribut (8a), das Präpositionalattribut (8b, c), das Satzattribut (8d, e), das adjektivische Attribut (8f), das Relativsatzattribut (8g) und als Sonderform die sogenannte enge Apposition (8h, i) unterschieden. Letztere wird nicht in allen Grammatiken zu den Attributen gerechnet. Attribute sind immer NGr untergeordnet. ...

- (8) a) ein Vorschlag der Opposition
 b) die Idee von Renate
 c) die Idee, nach München zu fahren
 d) die Frage, wie das weitergehen soll
 e) der Vorschlag, daß Paul das machen soll
 f) ein ganz neuer Vorschlag
 g) ein Vorschlag, der ganz neu ist
 h) die Studiengruppe “Verbvalenz”
 i) zwei Pfund gebrannte Mandeln”.

Notamos que o conceito de atributo na gramática alemã é bem mais abrangente, contemplando formas que, em gramáticas do português, são tratadas de modo muito distinto. Em português, apenas as orações (8f) e (8i), em posição de epíteto, são entendidas como atributo. No alemão, são consideradas como atributo todos os sintagmas que se referem a um substantivo, adjetivo ou advérbio (exemplos: (8a-8e; 8g; 8h). Estes casos são tratados de maneira diferente pelas gramáticas do português, porém não fazem parte desta análise.

No português, encontramos a estrutura básica – sujeito + verbo de ligação + predicativo do sujeito – que define quase todos os usos de *ser* e de *estar*. No alemão, o adjetivo é descrito como tendo valência, e, neste caso, é ele que determina a regência e não o verbo. O *sein*, nesse caso, perde o valor de cópula.

Como em (23):

- (23) *Er ist zufrieden mit seiner neuen Arbeit.*⁸

⁸ “Ele está satisfeito com o seu novo trabalho”.

Neste exemplo, o adjetivo *zufrieden* pede um complemento preposicionado, que corresponde ao atributo *mit seiner neuen Arbeit*.

DUDEK (1985: 1083ss.) apresenta, ainda, uma outra classificação da frase com o uso de *sein* constituída de sujeito, predicado, “Artergänzung”, “Akkusativergänzung”, “Dativergänzung”, “Genitivergänzung”. No entanto, POLENZ (1985: 107) critica esta afirmação, pois, como vemos no exemplo a seguir, é o adjetivo que, na verdade, determina os complementos na frase. O *sein*, neste caso, é auxiliar.

- (24) Subjekt + Prädikat + Artergänzung

	Satz	
Subjekt	Prädikatsverband	
	Prädikat	Artergänzung
<i>Die Rose</i>	<i>ist</i>	<i>weiss</i>

Segundo POLENZ (1985: 107)

“Dass Prädikate auch durch andere Wortarten als Verben ausgedrückt werden können, leuchtet unmittelbar ein in Fällen, wo es eine Variation/Ausdruckswahl zwischen verbalem und adjektivischem Prädikatsausdruck gibt: z.B. ich friere / mir ist kalt, mir schwindelt / ich bin schwindlich, sie ähnelt ihm / sie ist ihm ähnlich, er einigt sich mit ihr über etwas / er wird mit ihr über etwas einig, usw.”⁹

Convém agora acentuar as noções que nortearam o nosso trabalho. Tendo em vista que as gramáticas apresentam escassez de estudos específicos sobre os usos de *ser* e *estar*, e que o nosso objetivo fundamental aqui é analisar os distintos usos desses verbos em português, vamos nos valer dos conceitos encontrados em RUIZ (1963), em CASTELEIRO (1981) e também em PERES (1995):

“A combinação dos elementos do léxico permite-nos construir sucessões de unidades que exprimem o que em Lógica Geral se chama uma proposição ou, em certos autores, uma predicação. Sem nos preocuparmos com algumas precisões na definição destas noções, que se imporiam no ambiente da Lógica, consideraremos que uma predicação é uma estrutura lingüística do plano semântico por meio da qual

⁹ Tradução livre: O predicado também pode ser expresso através de outras classes de palavras distintas do verbo, o que aparece mais diretamente em casos em que há uma variação / opção entre as expressões verbais e adjetivais do predicado.: por exemplo eu tenho frio / sinto frio, estou com vertigens / sinto vertigens, ela se parece com ele / ela é parecida, ele está de acordo com ela sobre algo / ele concorda com ela sobre algo, etc.

são veiculadas informações acerca de duas formas: (i) **atribuição de uma propriedade a uma ou mais entidades**, como nas frases (1) a (3), ou (ii) **estabelecimento de uma relação entre entidades**, como em (4) a (6):

- (1) O Paulo é calmo.
- (2) As raparigas estão muito divertidas.
- (3) Ana adormeceu.
- (4) A Rita leu vários artigos.
- (5) O Paulo está a conversar com a Ana.
- (6) O Luís ofereceu um refresco à Rita⁹.

Optamos, portanto, por considerar *ser* e *estar* nas funções atributivas, predicativas e auxiliares. Como funções predicativas, entendemos aquelas em que tais verbos aparecem em construções como em (25), em que o complemento do verbo, mesmo com função adjetiva, não implica em atribuição de uma qualidade ao sujeito.

- (25) A empresa é hoje um terço do que era.
- (26) ? * A empresa está hoje um terço do que era.

Ser um terço do que já foi não é característica essencial, ou fundamental, do sujeito, no caso a empresa. Diferente do que vemos em (27), cujo adjetivo atribui uma qualidade ao sujeito que lhe garante uma identificação, um colorido distinto, que lhe é próprio.

- (27) A menina é inteligente.
- (28) ? * A menina está inteligente.

A terceira função dos verbos *ser* e *estar* é a função de auxiliar da voz passiva e na formação de perífrases.

No português, a voz passiva é formada pelo verbo *ser*, conjugado em todos os tempos verbais, e o verbo principal no particípio passado. No alemão, no entanto, a voz passiva é formada com o auxiliar *werden*, conjugado em todos os tempos verbais, e o verbo principal no particípio passado, e a voz passiva de estado é formada por *sein*, conjugado em todos os tempos verbais, e o particípio passado do verbo principal. Algumas gramáticas do português mencionam a voz passiva de estado formada por *estar*, conjugado em todos os tempos verbais, e o particípio passado do verbo

principal. Um falante de língua alemã, ao aprender o português, tende a estabelecer uma correspondência do *werden* com o *estar* e do *sein* com o verbo *ser*, pois para ele a correspondência existe somente entre *sein* e *ser*. Dessa maneira, ele incorre em erro ao formar a voz passiva em português, empregando o verbo *estar* em vez do *ser*, como indicam os exemplos de (29) a (31).

- (29) * Houve um acidente, o motorista é ferido.¹⁰
- (30) * Depois da operação, ele está levado para o quarto.
- (31) * Dois carros acabam de colidir numa rua, um poste está demolido.

4. Conclusão

Nosso objetivo foi verificar o uso dos verbos *ser* e *estar* em português e contrastá-los com o uso do verbo *sein* em alemão. Constatamos a necessidade de estabelecer alguns critérios que permitissem a descrição desses verbos a partir de suas características semânticas.

Nos textos analisados em português, verificamos uma incidência maior do uso do verbo *ser* em relação a *estar*. No entanto, não foi objetivo deste trabalho fazer um levantamento quantitativo das ocorrências, mas sim qualitativo.

Ao realizar este trabalho, verificamos, ainda, que era preciso primeiro descrever e classificar as suas funções sintáticas, para, então, poder descrever o seu uso. Na função sintática, observamos que há divergências, nas gramáticas, quanto à classificação desses verbos quando acompanhados de adjetivos ou outros termos com função adjetiva. Para elucidar essa questão, recorremos a trabalhos publicados em espanhol, língua na qual o tema foi desenvolvido mais detalhadamente, e segundo as quais os verbos *ser* e *estar* têm função atributiva, predicativa, e auxiliar.

Como função atributiva, o adjetivo qualifica ou atribui uma qualidade ao sujeito da frase. A opção por *ser* e *estar*, geralmente, determinada pelo adjetivo empregado. Em nosso trabalho, nos detivemos a alguns desses usos. Por exemplo, o verbo *estar* ocorre com mais frequência em situações onde o adjetivo é originário de um verbo (pensativo – pensar; limpo – limpar, etc.), e quando se trata de uma situação pontual ou momentânea, ou está implícita uma transição de um estado a outro. Por outro lado, o verbo *ser* é empregado, com mais frequência, quando o adjetivo indica

¹⁰ Estes exemplos foram extraídos de um *corpus* constituído de redações de alemães e austríacos que estão aprendendo português.

uma qualidade que define o sujeito da frase ou que tem certa extensão no tempo. E é justamente esse o ponto em que, conforme verificamos, ocorrem diferenças entre os usos de *ser* e de *estar*, e estas induzem os falantes de português como língua estrangeira ao erro.

Quanto à função predicativa, entendemos que não há atribuição de qualidade ao sujeito. Neste caso, o verbo cumpre a função copulativa, isto é, estabelece uma relação entre duas entidades distintas. Esse papel é desempenhado com mais frequência pelo verbo *ser*, verbo copulativo por excelência.

A função auxiliar de *ser* e de *estar*, tanto da voz passiva, quanto da formação de perífrases, foi apenas mencionada neste trabalho, dado que nosso objetivo fundamental foi encontrar meios de descrever os verbos *ser* e *estar* a partir do seu valor semântico para indicar os diferentes usos de ambos.

A contrapartida em alemão, o verbo *sein*, também um verbo com funções atributiva, predicativa e auxiliar, nem sempre corresponde diretamente a *ser* e a *estar*. Em alguns casos, *estar* corresponde a *stehen*, *liegen*, *hängen* e *sitzen*, ou ainda ao próprio *sein* na formação da voz passiva de estado. Em outros casos, *ser* também não corresponde diretamente a *sein*, como, por exemplo, o uso do *werden* como auxiliar na formação da voz passiva analítica, e com sentido de *tornar-se*, etc.

Em nenhum momento tivemos a intenção de esgotar o tema. No entanto, esperamos que este breve estudo acerca dos verbos em questão seja útil tanto para aqueles que aprendem o alemão e/ou o português como língua estrangeira quanto para os professores dessas línguas e, que também possa servir de sugestão para pesquisas mais específicas sobre o tema.

Referências bibliográficas

- BRANDÃO, Cláudio. *Sintaxe Clássica Portuguesa*, Publicação 294, Belo Horizonte, Imprensa da Universidade de Minas 1963.
- CÂMARA JR., J. Matoso. *Dicionário de Linguística e Gramática*, 15ª, Petrópolis, Vozes 1991.
- CASANOVAS, Carlos Francisco de Freitas. *Dicionário Geral de Monossílabos*, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, MEC 1968.
- CASTELEIRO, João Malaca. *Sintaxe Transformacional do Adjetivo, Regência das Construções Completivas*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica 1981.

- CASTILHO, Ataliba T. de. *A Sintaxe do Verbo e os Tempos do Passado em Português*, Marília, Série Estudos n. 12 1967 (Tese Doutorado).
- BARROSO, Henrique. *O Aspecto Verbal Perifrástico em Português Contemporâneo visão funcional/sincrônica*, Porto, Porto Ed. 1994.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*, 37ª ed., Rio de Janeiro, Lucerna 1999.
- BORBA, Francisco da Silva. *Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil*, São Paulo, Unesp 1991.
- EISENBERG, Peter. *Grundriss der Deutschen Grammatik*, 2ª, Stuttgart, J.B. Metzler 1989.
- _____. et al. *Duden Band 4, Die Grammatik der deutschen Gegenwartssprache*, Mannheim, Leipzig, Wien, Zürich, Dudenverlag 1995.
- JUNG, Walter. *Grammatik der deutschen Sprache*, 10., neubearbeitete Auflage, Mannheim, Leipzig, Bibliographisches Institut 1990.
- KLUGE, Friedrich. *Etymologisches Wörterbuch der deutschen Sprache*, Kluge. Barb. Von Elmar Seebold. – 23º erw. Aufl. (Jubiläums-Sonderausg.), Berlin, New York, de Gruyter 1999.
- LUFT, Celso Pedro. *Moderna Gramática Brasileira*, 8ª ed., Rio de Janeiro, Globo 1987.
- MACHADO, José Pedro. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 1ª ed., VII, Lisboa, Confluência 1956.
- MATEUS, M. H. et al.. *Gramática da Língua Portuguesa*, Coimbra, Almedina 1983.
- PERES, João Andrade & MOIA, Telmo. *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*, Lisboa, Editorial Caminho 1995.
- POLENZ, Peter von. *Deutsche Satzsemantik Grundbegriffe des Zwischen – den – Zeilen – Lesens*, Berlin, New York, de Gruyter 1985.
- REDONDO, J. A. de Molina, & OLIVARES, J. Ortega. *Usos de "Ser" y "Estar"*, Madrid, Sociedad General Española de Librería 1987.
- ROCA-PONS, J. *Introducción a la Gramática*, Barcelona, Teide 1960.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, 15ª, Rio de Janeiro, J. Olympio 1972.

RUIZ, Ricardo Navas. *Ser y Estar Estúdio Sobre el Sistema Atributivo del Español*, Salamanca, Acta Salamanticensia 1963.

SACONI, Luiz Antonio. *Nossa Gramática*, 1ª. ed., São Paulo, Moderna 1979.

○ modo subjuntivo no português do Brasil e no alemão*

Eva Glenk**

Iris Kurz Gatti***

Abstract: For the learners of Portuguese and German as foreign languages the subjunctive mood represents a learning problem. Based on syntactic and pragmatic categories, the subjunctive is classified in a way that describes its use and permits the comparison between the Portuguese *subjuntivo* and the German *Konjunktiv*.

Keywords: Contrastive Linguistics; subjunctive mood; German; Portuguese

Zusammenfassung: Für Lernende des Portugiesischen bzw. des Deutschen als Fremdsprache stellt der Konjunktiv eine Lernschwierigkeit dar. Ausgehend von syntaktischen und pragmatischen Kategorien wird hier versucht, eine Klassifikation des Konjunktivs durchzuführen, die seinen Gebrauch beschreibt und einen Vergleich des portugiesischen *subjuntivo* mit dem deutschen Konjunktiv ermöglicht.

Stichwörter: Kontrastive Linguistik; Modus Konjunktiv; Deutsch; Portugiesisch

Palavras-chave: Linguística Contrastiva; modo subjuntivo; alemão; português

* O presente trabalho é uma versão de uma palestra apresentada no âmbito da VIII Semana de Língua Alemã, na USP, São Paulo, em maio de 1999, e de outra, no Encontro "Forschungsergebnisse und ihre Vermittlung in der Graduação", na UNISINOS, São Leopoldo, RS, em junho de 2000. Foi desenvolvido a partir de um trabalho de Iniciação Científica (FAPESP).

** Eva Glenk é professora doutora da Área de Alemão da Universidade de São Paulo.

*** Iris Kurz Gatti é mestranda em Língua Alemã na Universidade de São Paulo, e bolsista CAPES.